

BEM ESTAR HUMANO E ÁREAS VERDES, UM ESTUDO DE CASO EM PELOTAS/RS.

Juliana Vargas Bozzato¹
Bruna Lemons Brisolara²
Cleiton Stigger Perleberg³

Saúde Ambiental

Resumo

As áreas verdes são indicadores de qualidade ambiental e agregam vantagens no ambiente urbano, tanto no que diz respeito aos serviços ambientais por elas prestados, como na perspectiva social. Por este motivo é preciso compreender a percepção de quem os usufrui. Por isso, o objetivo deste trabalho é investigar a percepção de moradores de um conjunto habitacional localizado no município de Pelotas/RS em relação aos espaços verdes por este ofertados. Foi utilizado um questionário semiestruturado para: a) identificar os moradores; b) possíveis sugestões para o condomínio e, c) a sua relação com os espaços verdes. Foi utilizada também revisão bibliográfica nos descritores *Google Acadêmico*, *Scielo* e *Periódicos Capes* com as seguintes palavras chaves: “áreas verdes”, “qualidade de vida”, “ecológico-social”, “saúde” e similares, para o embasamento do conteúdo aqui tratado. Os resultados obtidos mostraram que todos os moradores compreendem que as áreas verdes transmitem benefícios para a sua saúde e bem-estar, assim como 75% da amostra utilizava os espaços com frequência. De acordo com o levantamento de dados, também é possível afirmar que as áreas verdes possuem diversos benefícios para a saúde mental e física. Com isso, podemos compreender que as áreas verdes contribuem para uma melhor qualidade de vida tanto na visão dos moradores do condomínio, quanto já visto na própria literatura.

Palavras-chave: Áreas Verdes; Bem-estar; Qualidade Ambiental Urbana.

¹ Graduanda, Universidade Federal de Pelotas – Curso de Gestão Ambiental, jujubozzato@gmail.com

² Graduanda, Universidade Federal de Pelotas – Curso de Gestão Ambiental, brunalemons.b@gmail.com.

³ Prof. Dr., Universidade Federal de Pelotas – Curso de Gestão Ambiental, cleiton.gaufpel@gmail.com.

INTRODUÇÃO

As áreas verdes são indicadores de qualidade ambiental e agregam vantagens no ambiente urbano, tanto no que se diz respeito aos serviços ambientais por elas prestados (regulação do clima, redução de alagamentos e outros) como na perspectiva social (qualidade de vida). Como Bonametti (2001) expressa em seus estudos, o planejamento urbano deve considerar suas contribuições, pois através destes o homem possui um cenário diferente na área construída, onde pode reencontrar e amenizar os impactos sobre o meio.

As áreas verdes segundo Nucci (2008) *apud* Cavalheiro e Del Picchia (1992) são considerados espaços livres de construção, que podem ser divididas em três segmentos, que são: a) Tipologia: particulares, potencialmente coletivos e públicos; b) Categorias: praças, parques, jardins, verde viário, etc. e c) Disponibilidade: m²/hab, área mínima, distância da residência, etc.”

Complementando a temática abordada, Toledo e Santos (2008) definem as áreas verdes como:

“(…) são as áreas não edificadas de uma cidade, de propriedade do Município, Estado, União ou de particulares, independentes de sua destinação de uso. Quando destinados à preservação de vegetação ou ao lazer público, passam a se chamar áreas verdes, as quais podem ser praças; parques, jardins públicos, arborização urbana, etc. podendo ter vegetação de ocorrência natural ou implantada” (TOLEDO E SANTOS 2008, p. 78)

As áreas verdes são importantes para a qualidade do ambiente urbano que auxiliam na qualidade de vida dos indivíduos que as compartilham. Nessa perspectiva, Stolkols (1996), afirma que por meio da abordagem ecológica-social se reconhece que padrões de doenças e saúde estão relacionados as condições socioculturais, políticas e físico-ambientais.

Dessa forma, o estudo tem por objetivo trazer os fatores positivos da interação do humano com as áreas verdes, ou seja, seus impactos na dimensão social enquanto áreas de lazer, paisagismo, jardins e outros, e investigar a percepção dos moradores de um conjunto habitacional localizado em Pelotas-RS sobre a sua relação com esses espaços.

METODOLOGIA

A pesquisa constitui um estudo de caso, assentada em duas ferramentas, que são: revisão bibliográfica e entrevista semiestruturada. A revisão bibliográfica, por sua vez, buscou em banco de dados digitais como *Google Acadêmico*, *Scielo* e *Periodicos Capes*, utilizando termos de busca como: “áreas verdes”, “qualidade de vida”, “ecológico-social”, “saúde” e similares.

Levando em consideração a situação atual, onde grande parte das pessoas se encontram em isolamento social, as entrevistas foram realizadas no final de semana (27/06/2020 e 28/06/2020), por ser mais provável encontrar os moradores no condomínio.

O questionário utilizado continha 11 perguntas, entre elas, abertas e fechadas. Dentre elas: 4 perguntas para caracterizar o entrevistado; 3 para oportunizar sugestões para o condomínio; 4 sobre a relação do usuário com o espaço e a percepção dele sobre o assunto em questão. Critério único para fazer parte da amostra foi ser morador do conjunto habitacional.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O conjunto habitacional escolhido é visualmente bem arborizado e contém diversos espaços com áreas verdes onde encontram-se bancos e sete praças equipadas com brinquedos infantis.

A amostra contém 20 entrevistados, sendo 30% na faixa etária de 18 a 29 anos, 15% de 30 a 39 anos, 10% de 40 a 49 anos, 15% de 50 a 59, 15% de 60 a 69 anos e 15% de 70 a 79 anos, desses, 75% do sexo feminino e 15% masculino.

Das questões que relacionavam os indivíduos com as áreas verdes, 75% respondeu que utiliza dos espaços de lazer, 20% que utilizava, mas não com frequência e 5% que não utilizava. As finalidades foram: passear com o cachorro, pegar sol, caminhar, levar as crianças para brincar nas pracinhas, descansar, socializar e ainda conectar-se com os espaços verdes.

Londe e Mendes (2014) citam que esses espaços, quando a infraestrutura está

adequada, ou seja, segura, equipada e com outros fatores positivos, se tornam atrativos a população, e a partir disso começam a ser frequentadas para a realização de práticas que são importantes na manutenção da saúde física e mental dos indivíduos.

Nessa perspectiva, autores como Szeremeta (2013), Nucci (2008), Martínez-Soto et. al (2016) e Constantino (2010) complementam que no âmbito cognitivo, as áreas verdes contribuem para: melhora no humor, diminui o stress, auxilia na coesão social entre outros.

Na questão, “Você acredita que o ambiente arborizado e áreas verdes possuem alguma influência na sua saúde e bem-estar?”, todos entrevistados responderam que sim. No espaço que questionava o “por que?”, a maioria dos entrevistados tiveram dificuldade em expressar os benefícios. Porém, alguns citaram a qualidade do ar, o contato com a natureza, paz e tranquilidade, sombra das árvores, a paisagem, entre outros.

Em um estudo realizado por Lewis e Booth (1994), mostra que as pessoas com acesso a jardins e espaços abertos têm menor prevalência de transtornos mentais em comparação a aquelas que não o possuem.

Sobre a arborização do condomínio, 75% dos indivíduos declararam que a quantidade atual está de bom tamanho, 20% que poderia ser mais arborizado e 5% que poderia ser menos arborizado.

CONCLUSÕES

A partir da reflexão feita com base na revisão presente na pesquisa, em comparação aos resultados do objeto de estudo, foi possível identificar que os moradores reconhecem os benefícios que as áreas verdes promovem, mesmo sem ter entendimento sobre os seus aspectos.

Foi contemplado a importância que esses fatores exercem sobre os indivíduos, é importante abordar essa temática pois o planejamento no espaço urbano precisa incluir esses elementos para que se possa promover a qualidade de vida no perímetro urbano, já que estes auxiliam diretamente na saúde da população.

REFERÊNCIAS

- BONAMETTI, João Henrique. Arborização urbana. **Terra e Cultura**, v. 19, n. 36, p. 51-55, 2001.
- CONSTANTINO, Norma Regina Truppel. Jardins educativos e terapêuticos como fatores de qualidade de vida urbana. In: **Congresso Luso-Brasileiro para o Planejamento Urbano, Regional, Integrado, Sustentável**. 2010.
- LEWIS, Glyn; BOOTH, Margaret. Are cities bad for your mental health? **Psychological Medicine**, v. 24, n. 4, p. 913-916, 1994.
- LONDE, Patrícia Ribeiro; MENDES, Paulo Cezar. A influência das áreas verdes na qualidade de vida urbana. **Hygeia-Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde**, v. 10, n. 18, p. 264-272, 2014.
- MARTÍNEZ-SOTO, Joel; LÓPEZ-LENA, Maria Montero; CHIAPAS, José Maria de la Roca.. Efectos psicoambientales de las áreas verdes en la salud mental. **Interamerican journal of psychology**, v. 50, n. 2, p. 204-2014, 2016.
- NUCCI, João Carlos. **Qualidade ambiental e adensamento urbano: um estudo de ecologia e planejamento da paisagem aplicado ao distrito de Santa Cecília (MSP)**. Edição do autor, 2008.
- STOKOLS, Daniel. Translating social ecological theory into guidelines for community health promotion. **American journal of health promotion**, v. 10, n. 4, p. 282-298, 1996.
- SZEREMETA, Bani; ZANNIN, Paulo Henrique Trombetta. A importância dos parques urbanos e áreas verdes na promoção da qualidade de vida em cidades. **Raega-O Espaço Geográfico em Análise**, v. 29, p. 177-193, 2013.
- TOLEDO, Fabiane dos S.; SANTOS, Douglas Gomes. Espaços livres de construção. **Revista da sociedade brasileira de arborização urbana**, v. 3, n. 1, p. 73-91, 2008.b